

A LUCTA SOCIAL E A EXISTÊNCIA DE UMA REDE ANARQUISTA REGIONAL: Tércio Miranda/AM e Antônio Carvalho/PA (1914).

Luciano Everton Costa Teles¹

Resumo

O texto em tela possui como objetivo central demonstrar, através do jornal *A Lucta Social* (1914), a existência de uma rede social anarquista, de dimensões regionais, tecida por dois militantes que tiveram um papel significativo na condução do movimento operário nortista na primeira metade da década de 10 do século XX, atuando na fundação de sociedades de resistência e de jornais, por onde buscavam propagar os ideais libertários.

Palavras-chave: Anarquismo, Rede, Tércio Miranda e Antônio Carvalho.

Abstract

The text on screen has as main objective to demonstrate, through the newspaper *Social Lucta* (1914), the existence of an anarchist social network, regional dimensions, woven by two militants who had a significant role in driving the northern working-class movement in the first half the decade of 10 of the twentieth century, working on the foundation of resistance societies and newspapers, where sought to spread libertarian ideals.

Keywords: Anarchism, Network, Tércio Miranda e Antônio Carvalho.

6

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em História Social pela Universidade Federal do Amazonas. Professor Assistente 2 da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: lucianoeverton777@hotmail.com

Considerações iniciais

Alguns estudos já salientaram a circulação de militantes, imprensa e ideias em dimensões regionais, nacionais e internacionais. No Brasil, as influências da social democracia no seio dos militantes socialistas foram analisadas por Pansardi (1994). Já o “modelo” da CGT francesa para dinamizar o movimento anarquista no país foi abordado por Oliveira (2009).

Os setores organizados do movimento operário brasileiro da Primeira República seguiam, mesmo que de forma eclética, elementos que daí se espalhavam pelas diversas regiões do mundo. Recentemente, as análises acerca desse processo lançaram mão de metodologias diferentes, como, por exemplo, a história transnacional, cruzada e de transferência. Nas palavras de Batalha:

A história transnacional, como o próprio nome diz, volta-se para o estudo de fenômenos transnacionais e pode ou não compreender uma dimensão comparativa. A história cruzada visa dar conta de fenômenos de interconexões e cruzamentos que ocorrem simultaneamente em dois contextos diversos. Já a história de transferência remete mais diretamente a fenômenos culturais que teriam origem em um contexto e seriam “transferidos” para outro (2006, p. 97-98).

Certamente, como apontou o autor, algumas temáticas da história operária se “enquadrariam” em mais de uma dessas metodologias. Entretanto, em que pese às possibilidades que surgiram, a partir do uso delas, no sentido de compreender as dinâmicas que alimentavam as interações e ações entre os militantes operários no Brasil, acredita-se que a análise de redes sociais é significa-

tiva para demonstrar a rica troca de experiências e ideias entre os militantes operários de diferentes regiões.

Tal análise, que surgiu na antropologia e sociologia, foi incorporada na disciplina histórica pelos micro-historiadores. Dentre as possibilidades visualizadas, sublinha-se a sua contribuição para as discussões em torno da relação micro/macro. Como os atores sociais e suas relações são elencados como ponto fulcral, a análise sugere que os aspectos macros-estruturais devem ser construídos sobre as fundações do micro. Desta forma, o nível das relações contribuiria para “promover bases para explicar atividades e estruturas de níveis mais elevados de agregação”, permitindo passar de um nível ao outro (PORTUGAL, 2007, p. 9).

Como o uso da análise de redes sociais é diverso, cabe explicitar de que modo ela foi utilizada neste artigo. A posição assumida tomou a análise de redes em dois sentidos, porém de forma imbricada. O primeiro como “una estructura construida por la existencia de lazos o de relaciones entre diversos individuos” e o segundo como “un complejo sistema de vínculos que permiten la circulación de bienes y servicios, materiales e inmateriales, en el marco de las relaciones establecidas entre sus miembros” (PORTUGAL, 2007, p. 61-62).

Ainda nesta esteira, compartilhou-se da posição de Imizcoz, em especial no entendimento de que os indivíduos se relacionavam com diversos atributos e valores que não podem ser desconsiderados:

Los individuos tienen unos atributos y unos valores – de economía, cultura, creencias, capacitación, posición en una escala social, etc. – y se relacionan no solon com otros individuos, sino con todos los elementos

materiales e inmateriales de su entorno y de su consciencia. Estas dimensiones de la realidad no son exteriores a los actores sociales. La cultura, las instituciones, la economía, el poder político, no existen fuera de las personas, están encarnados en ellas o "son llevados" por ellas (IMÍZCOZ, 2004, p. 125).

Neste sentido, os indivíduos atuavam com sua riqueza, com seu status, com suas atribuições hierárquicas, com suas normas e instituições, etc. Com isso não se procurou absolutizar as estruturas e nem cair no lado oposto do individualismo "puro", mas sim promover uma análise que procura articular os diferentes níveis: individual, relacional e estrutural/sistêmico, percebendo-os num processo de interação onde a via nunca foi de mão única.

O objetivo deste texto é demonstrar a existência de uma rede social anarquista, através do jornal *A Lucta Social* (1914), de dimensões regionais, tecida por dois militantes que tiveram um papel significativo na condução do movimento operário nortista na primeira metade da década de 10 do século XX, atuando na fundação de sociedades de resistência e de jornais, por onde buscavam propagar os ideais libertários.

A imprensa operária e a construção de redes sociais

A imprensa operária se apresenta como uma documentação significativa tanto como suporte documental quanto objeto de estudo. No primeiro caso permite recuperar aspectos importantes do trabalho e da vida dos trabalhadores. Através dela é possível identificar diversos contrapontos às iniciativas do poder como propostas políticas, formas de luta, de resistência e de leitura de mundo (DECCA, 1997, p. 98). Ela sugere uma gama de temáticas como a exploração e

opressão do capitalismo, condições de vida e trabalho, alto custo do aluguel e dos gêneros de primeira necessidade, eleições, voto e representatividade, educação e instrução, organização e associações, repressão e perseguição, denúncias e conquistas, experiências culturais, dentre outros (RAGO, 1985, p. 15-17).

Como objeto de estudo consente observar dimensões significativas do processo de produção, circulação e venda dos jornais direcionados aos trabalhadores, com destaque para a relação entre avanços tecnológicos, oficinas e produção de jornais, formatos e características, grupos (proprietários, editores, colaboradores e outros) e suas leituras de mundo e posicionamentos realizados sobre assuntos sociais (TELES, 2008).

Em linhas gerais, a imprensa operária se singulariza particularmente por seus objetivos programáticos e seu caráter doutrinário. Suas falas, em geral, caminham na contramão dos discursos hegemônicos, sempre visando servir de instrumento de construção de um novo mundo, sem exploração, miséria, opressão, fome e outros problemas sociais.

Foram vários os autores que alertaram acerca da potencialidade da imprensa operária. Em 1985, Zicman já acentuava que os jornais eram bastante consultados e citados, porém raramente estudados e analisados (1985, p. 92). Neste mesmo ano, Rago apontou que a riqueza desse tipo de imprensa não estava ligada somente aos aspectos materiais e de luta, mas incluía aspectos culturais e propostas de uma nova sociedade (1985, p. 16).

Na década de 90, Jardim assim se posicionou:

Pelo visto, a imprensa operária foi levada em conta como uma variável fundamental para o estudo da história dos trabalhadores, porém (...) pouco se fica sabendo de suas caracte-

ísticas mais específicas. (...) Quer dizer, há muitas indicações da sua importância, mas pouca demonstração do porquê desta importância. Consta-se assim sob esse aspecto, uma lacuna na historiografia, mesmo naquela do centro do país, de estudos mais aprofundados, tanto descritivos quanto interpretativos sobre o tema imprensa operária. Ou pelo menos estudos que condensassem e reavaliassem o que já foi escrito de forma esparsa em diversos trabalhos e enfoques (1990, p. 10).

De lá para cá uma parcela dos estudiosos observou alguns desses aspectos e fez avançar as reflexões sobre a imprensa operária. Mesmo assim, na virada do século XX para o XXI, Cruz, de uma forma contundente, realçou a importância desses estudos, pois para ela essa imprensa, apesar de ter se constituído como fonte privilegiada e indispensável para o “estudo das classes operárias no período recente da história social do trabalho brasileira (...) vem reclamando por estudos que a proponham também como tema e espaço central de análise e reflexão” (2000, p. 129).

Achou-se importante destacar esses “chamamentos”. Porém, a questão aqui se refere à constituição de redes sociais através da imprensa operária e, nesta esteira, alguns passos foram traçados:

1) Identificar o grupo social que está por traz do jornal, contextualizando-o no sentido de investigar sua composição social, bem como trajetórias, contatos e vínculos estabelecidos internamente e externamente;

2) Em articulação com o que está acima, identificar o nome (em geral do militante operário, pois a pesquisa se insere neste âmbito) e, através dele, manusear os jornais com a finalidade de coletar dados que possam de alguma

forma explicitar a “rede de relações” do indivíduo, do grupo e do jornal que ele faz parte;

3) Perceber que no jornal existem conteúdos que foram alimentados não somente pela trajetória e experiência dos seus responsáveis, mas também absorvidos e/ou estimulados por conexões com outros grupos presentes no Brasil e no mundo, fruto da própria circulação e dinâmica das folhas operárias. Estes contatos estão expressos no jornal, ainda que em alguns casos, de forma fragmentada;

4) Reconhecer que, em alguns casos, os jornais publicavam uma lista com os nomes dos contatos e/ou permutas. Isto era feito porque eram enviadas remessas para eles e vice-versa. Esse movimento se coloca como salutar para esse processo;

5) Buscar, no próprio jornal, informações sobre a circulação de lideranças (cidades, estados, regiões, etc.);

6) Recolher alguns indicativos como transcrições de artigos de folhas operárias de outras regiões do país e do mundo, passagens nos textos publicados e que se referem a movimentos ocorridos em outras localidades, entre outros que indiquem a existência dessas relações e interações.

Construir redes sociais utilizando a imprensa operária se coloca como fundamental para elucidar as “redes de circulação” montadas e por onde corriam a própria imprensa, seus militantes, os conteúdos e projetos de intervenção social.

Um exemplo: a construção de uma rede anarquista regional – Tércio Miranda (Amazonas) e Antônio de Carvalho (Pará) – através do jornal *A Lucta Social* (1914)

Primeiramente cabe sublinhar que é possível verificar e articular dimensões locais, regionais, nacionais e internacio-

nais dos militantes e de sua imprensa. Não obstante, a título de ilustração, optou-se por demonstrar a construção de uma rede regional anarquista, através do jornal *A Lucta Social* (1914) e dos militantes que estavam por traz do periódico, notadamente Tércio Miranda (responsável direto pela folha) e seus companheiros como Joaquim Aspilicueta, Antônio Dias Martins, Ananias Linhares da Silva e Domingo Batista Guedes. Esse era o grupo por traz do *A Lucta Social*, mas quem eram esses personagens?

Tércio Miranda era português. Viveu na cidade do Porto e nela entrou em contato com o anarquismo. Não se sabe exatamente quando e como, porém existem informações que permitem iluminar alguns aspectos desse contato, em especial entre os anos de 1908 e 1912. Muito embora o movimento libertário em Portugal remonte ao final do século XIX, mais precisamente aos anos de 1886/88 – com a publicação do periódico *A Revolução Social – Órgão Comunista e Anarchista* ligado à “Associação dos Trabalhadores e Partido Operário do Porto” – foi em 1910 que se publicou o jornal *Aurora*, agregando militantes anarquistas. O surgimento dessa folha foi tão significativo que gerou, *a posteriori*, a fundação de uma organização com o objetivo de lhe dar suporte, pois era considerado instrumento de ligação e apoio junto ao trabalhador português, assim como aos trabalhadores do mundo, buscando inclusive apoiar movimentos contestatórios numa perspectiva internacionalista (CRUZ, 2012, p. 27-28).

Desse processo, em 4 de setembro de 1910, nasceu o “Grupo Aurora Social” do qual Tércio Miranda fez parte, assim como, provavelmente, também participou da “União Geral dos Trabalhadores da Região do Norte”, organização que se materializou por volta de 1912, e se tornou pouco tempo depois

Federação Sindicalista (CRUZ, 2012, p. 32). O que acabou reforçando essa provável presença de Tércio na União foi a menção feita pelo referido periódico *A Aurora* a sua participação como liderança na Liga D’Educação Nova, em 1912.¹

Certamente por questões ligadas a perseguição que se deu aos anarquistas, após a implantação da República em Portugal, a partir de 1910, Tércio Miranda se deslocou para o Brasil. Em terras tropicais, participou do 2º Congresso Operário Brasileiro na cidade do Rio de Janeiro. As discussões aí realizadas giraram em torno de questões como “cooperativismo, carga horária diária de trabalho, salário mínimo, bolsas de trabalho e, principalmente, do modelo organizativo, afirmando mais uma vez o sindicalismo revolucionário”. Além desses temas, foram destacadas a propaganda, a organização e a educação dos trabalhadores como fundamentais. A imprensa operária foi então considerada como um instrumento eficaz de orientação doutrinária e pedagógica. Debateu-se ainda o caráter internacionalista da luta pela emancipação humana, com envio de moções de apoio “aos trabalhadores do México, CGT da França e trabalhadores de Portugal e da Espanha” (MATEUS, 2012, p. 70-71).

Em que pese as divergências políticas e ideológicas presentes no universo dos trabalhadores, cujos reflexos foram marcantes nas discussões travadas no 2º Congresso, ficou explícita a propagação dos ideais libertários junto aos trabalhadores organizados em torno da C.O.B. (Confederação Operária Brasileira) e do seu jornal, *A Voz do Trabalhador* (MARCQUES, 2013, p. 51). Muitos militantes de outros estados que participaram do

¹ Inclusive dando o endereço da Liga (Rua das Fontainhas, n. 9. Porta do Sol), o que é uma evidência forte da presença de Tércio Miranda justamente na região Norte onde o anarquismo avançou.

2º Congresso Operário Brasileiro devem ter retornado aos seus universos locais convictos da necessidade de lutar pela emancipação operária, não medindo esforços para organizar os trabalhadores em associações, fundar jornais a fim de defender seus projetos e buscar uma articulação de caráter internacional. Assim, possivelmente foi com esse espírito que Tércio Miranda, na qualidade de delegado especial da C.O.B., atuou no Amazonas a partir de 1912/1913. Como foi dito anteriormente, outros personagens aparecem ao seu lado, ora no jornal, ora no Sindicato dos Trabalhadores Gráficos no Amazonas. Um deles era Joaquim Aspilicueta (membro da Comissão Administrativa do STG). Assim como Tércio, deslocou-se para a região onde desenvolveu uma participação ativa e significativa junto aos operários. Porém, ele era espanhol e socialista. Não obstante, mais do que uma atuação assentada numa perspectiva político-ideológica, buscou articular-se com outros setores da sociedade visando gerar debates, promover conquistas e assegurar direitos aos operários em geral, e aos gráficos em particular.² Neste sentido, realizou diversas atividades em espaços diferenciados, além de escrever artigos para jornais operários, como *A Lucta Social* (1914), *O Primeiro de Maio* (1928) e *Vida Operária* (1920), mas também para o periódico *Union*, ligado à colônia espanhola no Amazonas. Procurou manter contatos com outros países, a exemplo da República do Peru (*CORREIO DO NORTE*. Manaus, ano I, n. 138, 1/7/1906).

² Aspilicueta aproximou-se dos anarquistas, como se buscou mostrar, mas também de personalidades políticas (Dr. Araújo Lima, prefeito de Manaus em 1928) e de lideranças explicitamente reformistas, como João Cursino da Gama, do Sindicato dos Cigarreiros. Ver *O PRIMEIRO DE MAIO*. Manaus, 1/5/1928 (número especial).

Já Antônio Dias Martins (também membro da referida Comissão) participou da diretoria do S.T.G. no Amazonas. Pouca coisa se localizou acerca dele. Sabe-se que ele era 2º escriturário da Alfândega e que foi transferido para trabalhar na Alfândega do Ceará em 1909 (*CORREIO DO NORTE*. Manaus, ano I, n. 281, 13/11/1909) onde ficou até 1912 (*CORREIO DO NORTE*. Manaus, ano VI, n. 926, 27/2/1912). Porém, deve ter retornado a Manaus entre 1913/14, pois atuou junto ao Tércio no Sindicato fundado por eles. Sobre os outros membros da diretoria do Sindicato (Comissão Administrativa, no caso), descobriu-se que Ananias Linhares da Silva era artista gráfico (*CORREIO DO NORTE*. Manaus, ano I, n. 494, 20/7/1910). A respeito de Domingo Batista Guedes nada foi encontrado.

Nessa tarefa de identificar quem estava por traz do jornal *A Lucta Social*, dois elementos merecem ser acentuados. O primeiro diz respeito ao movimento internacional, nacional e regional dos militantes, no qual Tércio é o maior exemplo, e que permitiam estabelecer ligações e interações importantes. O segundo se reporta a presença de um gráfico socialista (Joaquim Aspilicueta) no interior do grupo anarquista, o que talvez se justifique pela conjuntura e/ou caráter político e ideológico “eclético” que asseguravam essa aproximação, uma vez que os conflitos entre sindicalistas revolucionários e socialistas eram claros não somente no Amazonas, mas no Brasil como um todo. O jornal *A Lucta Social* carrega em suas páginas evidências desse conflito:

Sou completamente contrario a luta entre os operários, porque entendo que essa luta é inglória, prejudicial e contra-producente, ante os fins que perseguimos, pois que com discussões de certo gênero, só damos ares aos elementos que deve-

mos combater. (...) Formemos em fileiras estreitas, unidas, para defender os nossos direitos, sem esquecer os nossos deveres. (...) Sejamos também firmes e compactos para procurar a união de todo o proletariado, educando-o, propagando as doutrinas sãs e benéficas do puro socialismo. (...) Acabemos com essas dissensões e, unidos, batalhemos em prol dos explorados e contra os exploradores (Aspilicuenta, Joaquim. IMPRESSÕES. A Lucta Social. Manaus, ano I, n. 3, 1/6/1914, p. 7-8.).

Observam-se as divergências, mas também um discurso que buscava instituir uma “união” ou um “consenso”, entre anarquistas e socialistas, em torno de algumas questões, como, por exemplo, a luta pelas oito horas de trabalho. Nessa folha operária, torna-se visível a existência de uma rede anarquista no norte do país. Um primeiro aspecto revelador disso é a transcrição de matérias e/ou informações n’*A Lucta Social* de jornais e/ou cartas recebidas do Pará:

QUADRO 1
Transcrições de matérias e/ou informações de jornais e/ou cartas do Pará nas páginas do *A Lucta Social*

Jornal <i>A Lucta Social</i>	Jornais e/ou cartas recebidas do Pará
<i>A Lucta Social</i> , 1914 (Suplemento ao n. 1)	- Carta da Reunião d’Assembléa Geral (Belém/PA)
<i>A Lucta Social</i> , 1914 (n. 1)	- Carta da Secretaria da “União dos Operários Sapateiros do Pará” (Belém/PA)
<i>A Lucta Social</i> , 1914 (n. 3)	- A greve em Belém do Pará (Belém/PA) - A conduta de Demoriz (Belém/PA)

Fonte: elaborado pelo autor.

Atesta-se, no quadro acima, uma ligação e interação com o estado vizinho do Pará. Certamente era uma conexão regional forte, pois o Pará, em grande medida, colocava-se como a “porta” de entrada e saída da Amazônia e o Amazonas, por sua posição central, como “ponte” que promovia a interligação com os outros estados do Norte. Isso se confirma pela ação de Tércio Miranda que, como delegado da C.O.B., fixou-se na capital do Amazonas e daí circulava pela região como um todo,

como é possível verificar no trecho abaixo:

Devendo fazer uma viagem de propaganda, por alguns estados do norte do paiz, na qualidade de delegado da C.O.B., declaro afim de informar as agrupações operárias que com bastante pesar meu e por motivos que se relacionam com a minha vida particular, não posso partir já, como informava A Vós do Trabalhador, órgão da mesma C.O.B., no seu último número (Miranda, Tércio. A’ ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA DO NORTE. A Lucta Social. Manaus, ano I, n. 4, 1/9/1914, p. 1).

Embora ele não tenha partido de imediato, a informação destacada por Tércio no jornal é bastante elucidativa da sua circulação regional. Portanto, tanto as movimentações desse militante pela região quanto às transcrições de assuntos que vinham do Pará revelam uma articulação em rede que ficará confirmada através das informações que corriam por ela.

N’*A Lucta Social* foi publicado um artigo intitulado “No Pará”, por onde se tornou pública uma série de denúncias de prisões e deportações de militantes operários anarquistas que participaram de uma greve geral, no ano de 1914, em favor das oito horas de trabalho. Esse movimento foi conduzido pela União Geral dos Trabalhadores no Pará e conseguiu mobilizar cigarreiros, carpinteiros, construtores civis, entre outros. A resposta do governo estadual foi contundente, taxando os grevistas de “amotinados” e o movimento de “alterador da ordem pública”, invadindo a UGT e prendendo e deportando as principais lideranças dos operários (FONTES, 2002, p. 253). Veja-se o tom da denúncia:

Não é assim que se sofôca a vós da consciência, a aspiração dum ideal

redentor. Entre os deportados, que foram presos, uns na União Jeral e outros á saída de suas cazas, está o nosso amigo Costa Carvalho, que com os outros camaradas foi embarcado no “Hildebrand”, a 27 de maio. (...) Notícias que recebemos, dizem-nos que a construção civil continúa ainda em greve, havendo grande número de prisões. Não podemos ficar silenciosos ante tais vilanias (NO PARÁ. A Lucta Social. Manaus, ano I, n. 3, 1/6/1914, p. 2).

Os acontecimentos no Pará ecoaram no Amazonas, numa troca de informações e experiências importantes para a dinâmica do movimento operário regional e local. Essa circulação só foi possível por força do estabelecimento de conexões que permitiram isso. E uma prova forte dessa articulação em redes é a parte, na citação acima, em que Tércio Miranda chama Costa Carvalho de amigo. Mas quem era Costa Carvalho?

Antônio Costa Carvalho era um militante anarquista, português e dono de quitanda. Consoante Fontes, ele era um “propagador” e “formador” no interior do movimento operário em Belém, sendo uma das principais lideranças das greves que ocorreram nos anos de 1913/14. A sua quitanda se caracterizava como um espaço de convivência onde os trabalhadores discutiam seus problemas, podendo até mesmo se “converterem” ao anarquismo (FONTES, 2002, p. 247-248). Ele foi um dos militantes presos e deportados, como se viu, e, no decorrer desse processo, teve apreendido, pela polícia local, um conjunto de materiais (entre jornais, revistas e documentos variados) que confirma uma ampla rede de relações com lideranças do Rio de Janeiro, Ceará, Rio Grande do Sul, São Paulo, mas também França, Itália, Portugal, México, Uruguai, entre outros. Nesta esteira de relações, man-

teve conexões com Tércio Miranda no Amazonas, atestadas não somente pelas denúncias veiculadas no jornal *A Lucta Social*, mas, principalmente, pelos materiais colhidos pelos agentes de polícia.

Nesse contexto, Fontes assinalou que dentre os materiais apreendidos se encontrava um exemplar do jornal *A Lucta Social*. Neste sentido, a autora salientou que:

O interessante é que a data do jornal era de um mês anterior da prisão de Antônio Carvalho, o que demonstra uma correspondência com os anarquistas de Manaus atualizada e forte, se levarmos em consideração que o n. 3 deste jornal deu notícias sobre as greves ocorridas em Belém e sobre as prisões de deportações anarquistas (2002, p. 250).

Para reforçar ainda mais essas conexões, torna-se exemplar o caso de Augusto Marques dos Santos. Este personagem foi uma das lideranças da greve dos manipuladores de pão, ocorrida no Pará em julho de 1914, que visava “o aumento de salário, o recebimento de duas refeições diárias por conta dos proprietários das padarias e o compromisso de fixar em 5\$00 réis o preço do quilo do pão sem que esse preço fosse reduzido” (FONTES, 2002, p. 269).

Ocorre que Augusto dos Santos foi visto pela “imprensa burguesa” do Pará como o principal articulador do movimento, sendo acusado de agitar os trabalhadores e, desta forma, de promover desordens sociais. A passagem abaixo é clara neste sentido:

Segundo nos informa, o principal fomentador do movimento grevista é (...) Augusto Marques dos Santos, vindo fugido de Manaus, onde chefiou idêntico movimento, tendo desfechado vários tiros de revólver contra

seu patrão (FOLHA DO NORTE, 28/7/1914 Apud FONTES, 2002, p. 271).

Verifica-se que os termos direcionados a ele buscavam reforçar a ideia de “agitador”, “desordeiro” e, em última instância, de “criminoso”. Tal postura pode ser encarada como resultado da intensificação de um discurso, que possuía dimensões nacionais, de criminalização das lideranças anarquistas, cujo efeito mais concreto foi a prisão e deportação desses militantes por todo o país. Como foi dito antes, Antônio dos Santos foi uma liderança da referida greve dos manipuladores de pão e, certamente, lançou mão, no Pará, das experiências adquiridas no rico e diversificado movimento operário do Amazonas.

Não obstante, o que interessa salientar nesse momento é essa relação entre o Amazonas e o Pará através da circulação de militantes, como no caso de Augusto dos Santos, que utilizou suas experiências na organização do movimento operário do Amazonas no estado vizinho.

Retornando ao Tércio Miranda, ficou explícita a conexão existente entre ele e Antônio de Carvalho e seus respectivos grupos anarquistas, num processo de interações significativas por onde é possível visualizar redes sociais tecidas.

Considerações finais

A análise de redes sociais, como um instrumento analítico utilizado pelo pesquisador, permite tornar visíveis aos olhos às relações entre os indivíduos e seus respectivos grupos, assim como a circulação de informações, greves, perseguições políticas, entre outros assuntos relacionados ao mundo do trabalho na Amazônia, em especial entre Pará e Amazonas.

Mediante o jornal *A Lucta Social* (1914) se identificou essa conexão, nu-

ma dinâmica de compartilhamento de experiências que possibilitava a construção de solidariedades e de lutas que ultrapassava as fronteiras estaduais e até mesmo regionais, assumindo dimensões internacionalistas. Regionalmente, Tércio Miranda e Antônio de Carvalho, como lideranças de grupos anarquistas, estabeleceram esse diálogo e fomentaram movimentos paredistas de categorias específicas, como os gráficos no Amazonas e os Manipuladores de Pão no Pará, através da ação direta e visando conquistas sociais. As redes sociais regionais tecidas fortaleciam esses movimentos.

Referências

- BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. *Os desafios atuais da História do Trabalho*. Anos 90. Porto Alegre, vol. 13, n. 23-24, p. 87-104, jan./dez. 2006.
- CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)**. São Paulo: EDUC, 2000.
- CRUZ, Manuel Carvalho Ferreira da. **O Movimento Libertário Portuense à luz do periódico A Aurora (1910-1919)**. Dissertação (mestrado em História), Universidade do Porto, 2012.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A Vida Fora das Fábricas: cotidiano operário em São Paulo, 1920-1934**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FONTES, Edilza. **Preferem-se Português(as): trabalho, cultura e movimento social Belém do Pará**. Tese (doutorado em História), IFCH/UNICAMP, São Paulo, 2002.
- IMÍZCOZ, José Maria. *Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global*. **Revista da Faculdade de Letras-História**. Porto, vol. 5, III Série, p. 115-140, 2004.
- JARDIM, Jorge Luiz Pastorisa. **Comunicação e militância: a imprensa operária no Rio Grande do Sul (1892-**

1923). Dissertação (mestrado em História), PUC-RS, Porto Alegre, 1990.

MARQUES, João Carlos. **A Voz do Trabalhador: cultura operária e resistência anarquista no Rio de Janeiro (1908-1915)**. Dissertação (mestrado em História), PPGH/UDEL, Londrina, 2013.

MATEUS, João Gabriel da Fonseca. *O Sindicalismo Revolucionário como estratégia dos Congressos Operários (1906, 1913, 1920)*. **Enfrentamento**. Goiânia, ano 7, n. 12, p. 70-71, ago./dez. 2012.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. **Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)**. Tese (doutorado em História), UFF, Niterói/RJ, 2009.

PANSARDI, Marcos Vinícius. *O socialismo dos modernos e o socialismo dos antigos: a incorporação do vocabulário ideológico da II Internacional pelo movimento socialista brasileiro*. **História Social**. São Paulo, n. 1, p. 65-94, 1994.

PORTUGAL, Sílvia. *Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica*. **Oficina do CES**, n. 271, p. 1-35, mar./2007.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

TELES, Luciano Everton Costa. **A vida operária em Manaus: imprensa e mundos do trabalho**. Dissertação (mestrado em História), PPGH/UFAM, Manaus, 2008.

ZICMAN, Renée. *História Através da Imprensa: algumas considerações metodológicas*. **Projeto História**, nº 4. São Paulo: Educ, 1985, p. 89-102.

Imprensa Operária

A LUCTA SOCIAL (1914)

CORREIO DO NORTE (1906, 1909, 1910 e 1912)

O PRIMEIRO DE MAIO (1928).